IX SINMCA
IX Simpósio do Noroeste Mineiro de Ciências Agrárias e
VIII Semana Acadêmica
25 a 27 de novembro de 2025

Dermatopatias secundárias por Leishmaniose Visceral Canina (LVC), importância clínica, diagnóstico diferencial e relevância zoonótica: Revisão de Literatura

Michely Barra Gomes [1*], José Carlos da Silva Júnior [1], Rita Varela Mauricio [1], André Alves Santana [1], Maria Luiza de Moraes [1], Leticia Gomes Zanfagnini [3], Gabriely Araújo Do Amaral [4], Victor Luiz Gomes Batista [5], Jéssica Del´Nero [5], e Thais Rabelo Santos Doni [2]

[1] *Graduanda (o) em Medicina Veterinária - Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Unaí-MG*
[2] *Professora (o) adjunta (o), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Unaí/MG*
[3] *Professor substituta, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Unaí/MG*
[4] *Médica Veterinária, Unaí/MG*
[5] *Mestrando (a) do Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal (PPGBA), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Diamantina/MG*

***E-mail do autor principal:** michely.gomes@ufvjm.edu.br

RESUMO EXPANDIDO

INTRODUÇÃO

A leishmaniose visceral canina (LVC) é uma zoonose de grande impacto na saúde pública, causada pelo protozoário *Leishmania infantum* e transmitida pela picada de flebotomíneos do gênero *Lutzomyia*, especialmente *L. longipalpis.* É considerada uma doença infecto-parasitária de maior incidência de infecção na América Latina (Krolow, et al., 2022), devido à sua ampla distribuição e elevada incidência.

Nos últimos anos, o número de casos e a dispersão geográfica da doença vêm aumentando significativamente. Em humanos, os grupos mais suscetíveis à infecção incluem crianças, idosos e indivíduos imunocomprometidos. No ciclo urbano e periurbano, os cães são reconhecidos como os principais reservatórios, atuando como fonte de infecção para humanos e outros animais (Braga et al. 1986, Gramiccia & Gradoni 2005).

O vetor, popularmente conhecido como "mosquito-palha", possui hábito hematófago exclusivo das fêmeas, que necessitam do repasto sanguíneo para maturação dos ovos. Sua atividade ocorre predominantemente nos períodos crepuscular e noturno, desenvolvendo-se em ambientes úmidos, sombreados e ricos em matéria orgânica, características comuns em áreas periurbanas. A associação entre a ampla distribuição do vetor e a presença de cães infectados, muitas vezes sem diagnóstico, favorece a manutenção contínua da cadeia de transmissão, (Steindel et al. 2013).

Entre os sinais clínicos observados nos cães, as alterações dermatológicas destacam-se pela alta frequência e, em muitos casos, constituem o único achado clínico evidente. No entanto, essas lesões são frequentemente inespecíficas e podem ser confundidas com outras enfermidades dermatológicas, como sarna, dermatites alérgicas e doenças autoimunes. Assim, reconhecer os padrões dermatológicos associados à LVC é essencial para evitar diagnósticos tardios e controlar a disseminação do parasito.

MATERIAL E MÉTODOS

Esse trabalho trata-se de uma revisão de literatura realizada nas bases PubMed, SciElo e Google Scholar utilizando os descritores "Leishmaniose visceral canina", "manifestações cutâneas", "dermatopatias" e "diagnóstico diferencial". Foram selecionados artigos publicados entre 2010 e 2025, além de documentos oficiais do Ministério da Saúde e da Organização Mundial da Saúde (OMS). Foram incluídos estudos clínicos, revisões e diretrizes nacionais sobre a relação entre dermatopatias e Leishmaniose visceral canina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura evidencia que cães positivos para LVC apresentam em quadros iniciais, manifestações cutâneas. Embora a sintomatologia clínica seja considerada complexa, sua apresentação está diretamente relacionada a fatores como carga parasitária, resposta imune do hospedeiro, genética e condições ambientais. Esse cenário se agrava em áreas com condições precárias de saneamento e com acesso limitado à saúde, onde os casos aumentam de forma

desordenada e contínua. A LVC possui capacidade de parasitar diversas células, sendo os macrófagos os principais alvos, o que permite a sobrevivência prolongada do parasito no organismo. Em áreas endêmicas, dependendo da condição imunológicas e fase da doença, os cães podem permanecer durante meses ou anos sem manifestar sinais clínicos, caracterizando indivíduos assintomáticos podendo atuar silenciosamente na cadeia de transmissão, (Ministério da saúde, 2014).

Entre os cães sintomáticos, as principais lesões relatadas incluem úlceras cutâneas superficiais, descamação generalizada, alopecia, hiperqueratose, além de sinais sistêmicos como diarreia, esplenomegalia, perda de peso, letargia, atrofia muscular, apetite diminuído, onicogrifose e lesões renais que pode levar ao óbito quando não tratado. Em muitos casos, as alterações de pele são o único sinal observado. (Silva et al, 2016; Cardoso et al, 2017)

A confirmação diagnóstica pode ser dificultada pelo alto custo dos exames específicos.

Diversos tipos de alterações cutâneas podem ser observados em cães com LVC. A dermatite esfoliativa ocorre de forma localizada ou generalizada, acometendo principalmente face, dorso e região periocular. Já a dermatite descamativa, considerada a mais comum, manifesta-se com descamações que podem ou não estar associadas à alopecia, sendo frequente no dorso da narina, pavilhão auricular e regiões de saliências ósseas. A dermatite ulcerativa também é recorrente, afetando principalmente regiões de pressão, focinho e espaço interdigital.

Quando não tratada, a doença compromete a imunidade do hospedeiro, causando danos em órgãos como baço e fígado. Cães infectados apresentam maior carga parasitada na pele, (Saridomichelakis, 2009), aumentando sua infectividade para os vetores, o que reforça o papel epidemiológico desses animais como amplificadores da transmissão.

Para um diagnóstico definitivo, recomenda-se a associação entre sinais clínicos e exames complementares, como testes sorológicos, Reação de Imunofluorescência Indireta (RIFI), Ensaio Imunoenzimático (ELISA), testes parasitológicos (citologia, histologia e cultura) e métodos moleculares (PCR convencional ou quantitativa), sendo este último o mais utilizado por sua alta sensibilidade e especificidade na detecção do DNA do parasito, (Olliveira, Antonio, Piccinin, 2008).

O principal objetivo do tratamento é controlar a doença reduzindo a carga parasitária no animal infectado, diminuindo sua capacidade de infectar outros hospedeiros e estimulando uma resposta imunológica eficaz para melhora clínica. Para isso, é essencial o acompanhamento veterinário periódico.

A avaliação epidemiológica, incluindo a presença de vetores na região, potencializa a acurácia diagnóstica, definida como a capacidade de um teste identificar corretamente indivíduos infectados ou não, sendo crucial para decisões clínicas assertivas. Após a confirmação do diagnóstico, é obrigatória a notificação ao Centro de Controle de Zoonoses (CCZ), devido ao alto potencial zoonótico da doença.

Como medidas de controle em saúde pública, recomenda-se o uso de coleiras repelentes com deltametrina em cães, (Ministério da saúde, 2006), como estratégia preventiva para redução da taxa de infecção e proteção da população humana em áreas endêmicas.

CONCLUSÃO

A leishmaniose visceral canina representa um desafio constante para a saúde pública, especialmente em áreas endêmicas onde há grande circulação do vetor e alta prevalência de cães infectados. As dermatopatias associadas à LVC não devem ser consideradas apenas manifestações clínicas, mas também importantes marcadores epidemiológicos, uma vez que indicam maior carga parasitária cutânea e, consequentemente, maior risco de transmissão para humanos.

Assim, reconhecer precocemente as alterações cutâneas típicas da doença é essencial para reduzir diagnósticos tardios e impedir a disseminação do parasito no ambiente. O diagnóstico definitivo deve ser baseado na associação entre sinais clínicos, histórico epidemiológico e exames laboratoriais, permitindo intervenções mais assertivas.

O controle efetivo da LVC depende de uma abordagem integrada, envolvendo médicos-veterinários, órgãos de vigilância e tutores, com ações contínuas como o uso de coleiras repelentes, e acompanhamento clínico regular dos cães infectados. Dessa forma, a atuação do médico-veterinário torna-se fundamental não apenas no tratamento individual, mas como agente estratégico dentro do conceito de Saúde Única, contribuindo diretamente para a proteção da população humana e o controle da zoonose.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Instituto de Ciências Agrárias (ICA), Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), Campus Unaí, e expresso minha gratidão a professora Thais Doni pela disposição.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Manual de Vigilância e Controle da Leishmaniose Visceral. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br. Acesso em: 10 out. 2025.

COSTA, Lucas dos Santos; LIMA, Marcos Vinícius de; SILVA, Jéssica de Oliveira; COSTA, Júlia de Lima. Metodologias ativas no ensino superior: a sala de aula invertida aplicada no ensino presencial e ensino remoto. Brazilian Journal of Development, v. 8, n. 2, fev. 2022. Disponível em: https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/8757

DIRETRIZES BRAZILEISH. Diretrizes brasileiras para diagnóstico, tratamento e controle da leishmaniose visceral canina. 3. ed. São Paulo: Scallibor, 2019. Disponível em: https://www.scalibor.com.br/wp-content/uploads/sites/125/2023/09/Diretrizes-Brasileish-2019.pdf

MARCONDES, M.; ROSSI, C. N. Leishmaniose visceral canina: atualização e perspectivas de controle. Clínica Veterinária, v. 25, n. 142, p. 52-63, 2020.

OLIVEIRA, Carolina Sbaraini. Leishmaniose visceral canina: revisão de literatura. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Veterinária, Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/193742

OUROFINO. A pele como compartimento da Leishmaniose Visceral. [s.l.]: Ourofino, 2025. Disponível em: https://ourofino.com/wp-content/uploads/2025/08/A-pele-como-compartimento-da-Leishmaniose-Viscaral.pdf

ROSA, Marília Gabriela Santos; VIEIRA, Paulo Rufino Paulino. Leishmaniose visceral canina: uma breve revisão integrativa da literatura com ênfase no diagnóstico. Scientia Generalis, v. 5, n. 2, p. 453-463, 2024. DOI: 10.22289/sg.V5N2A47. Disponível em: https://purl.org/27363/v5n2a47

SILVA, F. L. et al. Manifestações cutâneas da leishmaniose visceral em cães. Pesquisa Veterinária Brasileira, v. 32, n. 7, p. 623-628, 2012.

TAYLOR, M. A.; COOP, R. L.; WALL, R. L. Parasitologia Veterinária. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). Leishmaniasis: epidemiology and control strategies. Geneva: WHO, 2022.

MENEZES, Júlia Alves. Leishmanioses: estudos epidemiológicos e o conhecimento da população de Formiga, Minas Gerais, Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) / Centro de Pesquisas René Rachou, Ministério da Saúde, Belo Horizonte, 2014.